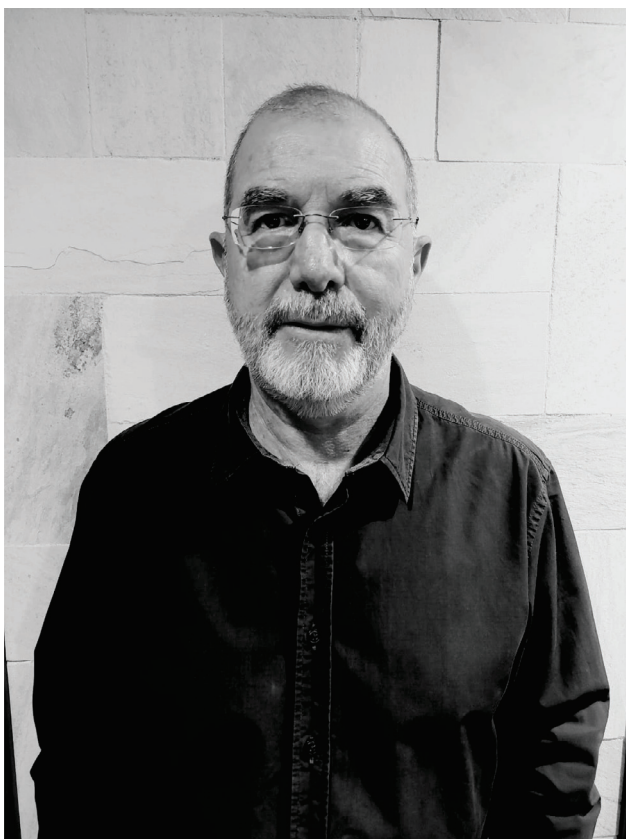


Entrevista¹ com Luiz Carlos Tarelho²



Fonte: Acervo pessoal do autor.

1 Entrevista concedida por Luiz Carlos Tarelho ao Conselho Editorial da Constructo Revista de Psicanálise, em outubro de 2024.

2 Doutor em estudos psicanalíticos pela *Université Denis-Diderot – Paris VII*. Psicólogo e psicanalista em São Paulo.

Kenia Ballvé Behr: A partir dos enunciados propostos por você, gostaríamos de formular algumas perguntas referentes ao tema abordado em seu escrito. Antes de entrarmos nas questões ligadas diretamente ao seu texto, publicado neste número da revista, seria interessante se você pudesse nos falar um pouco sobre a sua trajetória junto a Laplanche e à sua obra.

Luiz Carlos Tarelho: Creio que, para os fins em questão, o mais interessante seria descrever meu movimento de aproximação ao pensamento laplancheano ao longo dessa trajetória. Ele pode ser dividido em quatro tempos: o primeiro, de descoberta do Laplanche “estudioso de Freud”; o segundo, de aluno de seu Seminário e de descoberta do Laplanche “autor de uma teoria”; o terceiro, do encontro com o Laplanche “mestre”, que acolhe, orienta e inspira; e o quarto, de busca da inspiração interna deixada por esse mestre, que é a de “fazê-lo trabalhar”.

O primeiro tempo, da descoberta do Laplanche “estudioso de Freud”, corresponde à minha passagem pelo Centro de Lógica e Epistemologia da UNICAMP, onde se fazia uma leitura de Laplanche como um grande especialista da obra freudiana. Uma leitura muito em voga em um certo momento, principalmente antes do aparecimento dos *Novos fundamentos para a psicanálise*, e que se baseava sobretudo em seus trabalhos mais antigos, como o *Vocabulário* e as *Problemáticas*. Nessa minha etapa, fui apresentado a várias das qualidades de seu pensamento, como a clareza, o rigor, a profundidade e a importância do método. Isso foi o suficiente para me convencer de que estava diante de uma daquelas figuras que você daria tudo para conhecer mais de perto. Foi o que fiz. Consegui uma bolsa para realizar uma parte de meu doutorado com ele na França.

Em 1991, quando o conheci pessoalmente e passei a assistir a seu Seminário, veio à tona um outro Laplanche, que, aliás, não gostava da fama de ser um

“grande estudioso da obra de Freud”, apesar de sê-lo. Não gostava porque já se via como um grande pensador e em curso de construir novas bases para se pensar a psicanálise. Apesar disso, e meio à *la* Lacan, preferia ser visto como freudiano. Contradições à parte, não tinha como não se deixar seduzir pela beleza e pela potência de seu pensamento. Afinal, quando alguém propõe, em grande estilo, *Novos fundamentos para a psicanálise*, o impacto é inevitável, mesmo que seja para o mal. No meu caso, foi para o bem, ou seja, foi convincente. Convincente porque permitia resolver uma série de problemas do pensamento freudiano e pós-freudiano com a lucidez e a coerência que lhe são próprias e, no centro desses problemas, a dificuldade de Freud em sustentar, de modo plausível, o realismo do inconsciente. Como diz Laplanche, se o inconsciente possui, de fato, uma existência autônoma, é porque tem uma base material independente tanto da realidade psicológica interna quanto da realidade material externa. Nessa busca, Freud extraviou-se pela via de uma metabiologia insustentável.

Diante desse extravio, Laplanche propôs retomar a via abandonada da teoria da sedução, via que permitia explicar a gênese desse novo domínio de realidade, o inconsciente, através do mecanismo do recalçamento, que, ao destruir a capacidade do significante de significar, o transforma numa coisa-em-si, com vida própria, mas que não perde a capacidade de significar a alguém e que, por isso, torna-se fonte de uma interpelação sem fim, que alimenta a pulsão. Essa foi a solução encontrada por ele para explicar, primeiramente, como surge esse domínio de realidade do inconsciente, independente tanto da biologia quanto do mundo semiótico, e, em segundo lugar, de onde vem a alteridade que caracteriza esse domínio. Trata-se de uma solução que permite também resolver a questão, tão espinhosa, da cientificidade da psicanálise, pois, nesse caso, o inconsciente se assenta em uma materialidade identificável, o significante designificado. Uma materialidade que não é acessível diretamente, mas que dispõe de um método capaz de revelar sua existência a partir de suas manifestações

derivativas, isto é, o método analítico inventado por Freud e que Laplanche situa no contexto da teoria tradutiva, que impulsiona o ser humano e envolve um processo contínuo de tradução, destradição e retradição.

Foi no contexto dessas descobertas que me vi, como disse, seduzido e disposto a abandonar o projeto de pesquisa com o qual vinha trabalhando e a me lançar em um novo projeto, cujo objetivo era auxiliar no desenvolvimento desse modelo teórico proposto por Laplanche. Aqui, entra o que chamei de terceiro tempo, isto é, o do encontro com o Laplanche “mestre”, que acolhe, orienta e inspira. Era um momento particularmente importante desse desenvolvimento, no qual ele se deparava com o desafio de mostrar que o modelo tradutivo servia para explicar não apenas a formação do inconsciente e as manifestações a ele correlativas da vida psíquica normal-neurótica, mas também as manifestações ligadas à psicose e à perversão. Sua resposta foi concisa, mas precisa e firme, com o texto *Implantação, intromissão*. Tomando como inspiração esse texto, lancei-me de corpo e alma em um trabalho focado nas psicoses, que resultou no livro *Paranoia e teoria da sedução generalizada* (1999), um trabalho que buscou mostrar a pertinência do modelo tradutivo, atrelado às noções de intromissão e de encrave, para se pensar também as psicoses. Pode-se dizer que, nesse caso, meu papel foi muito mais o de “colocar o modelo a trabalhar”, sem grandes ajustes. A contribuição maior talvez tenha sido a de colocar no centro dessa discussão a questão das mensagens paradoxais.

Algo semelhante pode ser dito sobre o período subsequente, no qual fui estreitando essa aproximação e em que se destaca um trabalho sobre o narcisismo no qual proponho entendê-lo a partir de três eixos: o do corpo, o do gênero e o do sentido ético-existencial, cada um deles baseado num processo comunicativo específico na relação de sedução.

Atualmente, acredito que me encontro em um novo momento, no qual tenho

sentido a necessidade, devido ao aprofundamento de minhas reflexões e às exigências impostas pelos objetos em questão, de “fazer trabalhar” não apenas o “modelo”, mas também o “próprio autor”. Um desses objetos é a assim chamada tópica da clivagem ou terceira tópica. Laplanche tomou emprestada essa ideia de Dejours e a submeteu a uma nova interpretação para adequá-la a seu próprio modelo teórico, mas não chegou a desenvolver suficientemente a discussão para aprofundar essa adequação. Meu esforço tem se concentrado em promover essa discussão, da qual, a meu ver, estão ausentes três questões centrais: o autoerotismo na constituição da pulsão, o lugar da interdição do autoerotismo no processo de recalçamento e o papel da recusa no processo da clivagem vertical. Outra particularidade, associada a essa última questão, que tem também me desafiado é a relação da pulsão com o corpo. Essa relação não é estranha à reflexão de Laplanche, para quem a resposta está no processo de sedução, mas, a meu ver, ela não é sustentada nem com a força necessária nem com o argumento mais importante, que é o fato de que a pulsão se constitui ancorada no corpo, com o surgimento do autoerotismo, antes da divisão tópica, e permanece ligada a ele.

KBB: Em seu texto “A realidade psíquica e a tópica da clivagem”, publicado neste número de nossa revista, você propõe, em primeiro lugar, a discussão sobre o sentido da “realidade psíquica”, proposta por Laplanche como um terceiro domínio da realidade, que estaria junto à realidade psicológica e à realidade material, propostas por Freud. Trata-se, assim, de um terceiro domínio, que remete à sexualidade inconsciente, que teria na mensagem do outro uma terceira realidade. Mensagens transmitidas de alguém para alguém, que vão dar início à constituição de uma tópica em um espaço corporal e psíquico do pequeno sujeito. O sexual já está nas mensagens e é inegável o efeito transbordante que ele produz no corpo do *infans*. Em um primeiro momento, estaria, então, o sexual enraizado no corpo? Na sequência, ocorreria o processo de metabolização e dessignificação

dessa sexualidade transmitida pelo outro? Compreendendo as oscilações existentes no pensamento laplancheano expostas no texto, de que forma você propõe uma nova leitura da origem da pulsão e do objeto-fonte: se daria no autoerotismo, antes da clivagem tópica? Ou a pulsão e o objeto-fonte manteriam sua origem no recalçamento originário?

LCT: Em primeiro lugar, é preciso dizer que a expressão “realidade psíquica” já se encontra em Freud. Ele a utiliza para se referir aos desejos inconscientes e às fantasias correlacionadas. Em *A interpretação dos sonhos*, por exemplo, ele diz que a realidade psíquica representa uma existência especial, diferente da realidade material, ligada aos desejos inconscientes reconduzidos à sua expressão última e mais verdadeira. Em outras palavras, Freud utiliza a expressão para marcar a especificidade do universo da sexualidade inconsciente, sendo este um domínio próprio de realidade. O que Laplanche nos diz é que se, por um lado, Freud consegue sustentar essa especificidade do inconsciente em relação à realidade externa, material, ele teve, por outro lado, dificuldade de diferenciá-la da realidade psicológica, ou seja, do nosso universo subjetivo, dotado de sentido. É justamente por isso que Laplanche insiste bastante em fazer as três diferenciações. O mais importante, porém, é conseguir mostrar a base material desse terceiro domínio de realidade, que é a realidade psíquica. Freud já tinha essa preocupação e foi isso que o conduziu à biologia e à hereditariedade, com a hipótese das fantasias filogenéticas. Esse percurso começou a ser trilhado com o abandono da teoria da sedução, que formulava outra hipótese explicativa para a pulsão, que teria origem nas fantasias ligadas às cenas de sedução. É esse caminho que Laplanche chama de extravio biologizante em Freud e que retira da sexualidade inconsciente a sua especificidade, ou seja, o fato de estar indissoluvelmente ligada à fantasia, já que esta não pode ser transmitida filogeneticamente. Além disso, se a pulsão tivesse origem na hereditariedade, ela não representaria um domínio separado da realidade, pois seria da mesma ordem que a realidade material. Segundo Laplanche,

o que cria esse domínio separado de realidade, a realidade psíquica, é o recalçamento. É ele o responsável por essa transmutação que transforma o significante, algo que pertence ao domínio da realidade psicológica, em uma coisa, uma coisa-em-si, como ele gosta de dizer, que não remete a mais nada além de si mesma. Mas essa coisa-em-si, na qual se transforma o significante dessignificado, não é uma coisa do mundo material, pois esse significante continua com uma de suas propriedades, que é a de *endereçoamento*, isto é, de *significar para*, mesmo não significando mais nada. Ou seja, ele se transforma em uma espécie de aberração.

Aqui entra a relação que Laplanche estabelece entre a realidade psíquica e a mensagem. Ele sustenta que a mensagem seria a base desse terceiro domínio de realidade. Mas, no meu entendimento, não se trata da mensagem como um todo e sim dessa propriedade de endereçoamento, que já está presente no significante transmitido pela mensagem e que é irreduzível, isto é, nem o recalçamento consegue destruí-la. É por isso que a realidade psíquica está presente também no inconsciente recalçado, onde não existe mensagem, mas sim o significante dessignificado. Aliás, é nesse espaço do inconsciente recalçado que o significante dessignificado, como base da pulsão, se encontra na sua forma mais isolada do ponto de vista psíquico.

Esse esclarecimento é importante porque permite pensar que a realidade psíquica assume formas diferentes, a depender do estado e do lugar onde se encontra. Infelizmente, Laplanche não chegou a fazer essa diferenciação. Mas ele criou a base para isso quando afirmou que a realidade psíquica se localiza de forma transversal em relação à realidade psicológica e à realidade material. Isso quer dizer que a realidade psíquica habita as outras duas. Talvez o exemplo mais claro seja o das mensagens, que são compostas por símbolos (que fazem parte da realidade material), mas que produzem significados (que fazem parte da realidade psicológica), além de carregarem elementos que provêm do inconsciente (que compõem a realidade

psíquica). É por esse motivo que sugeri que o estado da realidade psíquica presente nas mensagens, ao menos nas ditas enigmáticas, é o da formação de compromisso, no qual o significante não se encontra mais isolado como no inconsciente recalcado, mas sim ligado a outros significantes que compõem a mensagem.

Outro estado diferente dessa realidade psíquica é dado pela mensagem implantada no Eu-corpo da criança. Para Laplanche, essa implantação ainda não constitui a pulsão, que depende do recalçamento. Mas já existe uma sexualidade aí, que veio com a mensagem; uma sexualidade que já produz um desequilíbrio no funcionamento autoconservativo desse Eu-corpo porque carrega uma energia desligada junto com esse significante que interpela sem parar e que vai exigir da criança, num segundo tempo, um trabalho de ligação. A esse estado, no qual ainda é a mensagem implantada que excita, propus utilizar a expressão de sexual-pré-sexual para definir a forma da realidade psíquica. Nesse caso, o que conta não é a fantasia da criança, ainda ausente, mas a fantasia do adulto presente na mensagem e implantada no Eu-corpo, uma espécie de espinho na carne.

No autoerotismo, estado subsequente que se refere às primeiras tentativas da criança de ligar essa sexualidade, a fantasia do outro é substituída, ao menos em parte, pela fantasia da criança. Essa substituição dá início ao processo de simbolização, onde se destaca o mecanismo de retorno sobre si. Por isso, nas *Problemáticas III*, Laplanche diz que ocorre aí um *recalçamento originário do objeto*. Seria preciso acrescentar: um recalçamento que ainda não implica na divisão tópica. Entretanto, ele cria a pulsão como pulsão de morte, já que o autoerotismo se alimenta de objetos parciais. Por essa razão, venho propondo a necessidade de distinguir dois momentos constitutivos do recalçamento originário: um que cria a pulsão e outro que cria a divisão tópica e fixa a pulsão no inconsciente recalcado. Essa hipótese implica supor que a pulsão surge ligada a esse Eu-corpo originário. O que

representa um grande problema, pois, na ausência de uma tópica, o corpo paga o pato sozinho. Até porque ele também está na base da pulsão. Esse é outro ponto que, a meu ver, Laplanche não conseguiu aprofundar, embora tenha nos deixado as pistas. Elas se encontram também nas *Problemáticas III*, nas quais ele afirma que o objeto-fonte se constitui a partir da conjunção de dois objetos: a fantasia, que é a substituição do objeto externo, e uma parte do próprio corpo tomado como objeto, tornando-se erógena. Essa conjunção entre a fantasia e o corpo se perde quando Laplanche descreve a constituição do objeto-fonte diretamente no inconsciente, formado pelo significante dessignificado. Por isso, é preciso fazê-lo trabalhar.

KBB: Quando você se refere à importância do autoerotismo, podemos afirmar que parte deste se mantém no corpo mesmo após o recalçamento originário ou que parte dele pode escapar ao recalçamento originário? Poderíamos pensar que essa parte que se mantém, que não desapareceu, mostra a mais íntima relação entre o corpo e a sexualidade?

LCT: Exato. Como dito na outra resposta, a primeira forma que assume a sexualidade e, portanto, a realidade psíquica – que nada mais é do que o tipo de realidade à qual a sexualidade inconsciente pertence – é a da mensagem do outro implantada no Eu-corpo da criança. Vale lembrar que, nesse momento inicial, ainda não existe um inconsciente encravado, pois ainda não existe tópica. Além disso, para continuar fiel ao modelo tradutivo proposto por Laplanche, é preciso considerar que essa sexualidade ainda não virou pulsão, pois o objeto-fonte se produz com a transmutação operada pelo recalque, que, nessa fase inicial, marcada pelo retorno sobre si, substitui a fantasia do adulto pela fantasia da criança. Entretanto, esse sexual implantado pelo adulto já produz estrago, já altera a homeostase que governa as forças vitais. Logo, já existe um ataque, mas que ainda não virou auto-ataque, o que caracteriza justamente a pulsão. Por isso a necessidade de diferenciar esse sexual, e a ideia de sexual-pré-sexual parece ajudar aqui.

Creio que essa seja a forma mais desligada da sexualidade, onde ainda não existe objeto, sequer parcial, talvez apenas índices.

Com o autoerotismo, que coincide, então, com a formação do objeto-fonte da pulsão, tem início o auto-ataque da sexualidade, o qual Laplanche correlaciona com a pulsão de morte, pois trata-se da constituição dos objetos parciais. Logo, temos aqui a primeira forma da sexualidade pulsional: a pulsão de morte, ligada a esses objetos parciais, que, como falamos, se formam através da junção de dois objetos (um no plano da fantasia e outro no plano do corpo).

A esses dois níveis de sexualidade vem se juntar um terceiro, nesse espaço destinado a se tornar o inconsciente encravado. Trata-se do Supereu ou de suas bases. Neste caso, estamos falando, a meu ver, de outro tipo de sexualidade, que não deriva do inconsciente recalcado do adulto, mas sim de seu próprio Supereu. Ele é composto de mensagens de outra natureza, injunções, ordens categóricas que não se prestam ao trabalho de metabolização, pois a substituição significativa deve, por princípio, permanecer barrada. O que caracteriza o sexual aqui não é o significativo dessignificado ou o que retorna dele, proveniente do inconsciente recalcado e marcado pelo desligamento. Trata-se, pelo contrário, de um sexual situado no outro extremo, isto é, no plano de uma ligação sem dialética, onde a contradição não tem lugar. Aqui, estamos bem distantes do enigmático e muito próximos do paradoxal, que é uma espécie de avesso do enigmático, como já propus. Um avesso que não deixa de ser sexual, pois o que está em jogo é o desligamento, submetido à lógica da transformação no contrário. De um extremo ao outro, o sexual muda de sinal, mas também de forma. Se, no recalcado, o significativo dessignificado permanece isolado, no Supereu dentro do encravado, o significativo está ligado a um significado fixo, cuja ligação não pode ser rompida em hipótese alguma. Não é à toa, aliás, que

Laplanche nos lembra que o extremo da ligação reconduz o sexual ao regime de pulsão de morte.

KBB: Quando você se refere à importância do autoerotismo e afirma que parte deste se mantém no corpo mesmo após o recalçamento originário, poderíamos pensar que estaria propondo que essa parte que se mantém, que não desapareceu, mostra a mais íntima relação entre o corpo e a sexualidade? Poderíamos cogitar, então, que o autoerotismo faria parte do inconsciente encravado como um conteúdo de pura alteridade?

LCT: Acho que não devemos dizer que apenas parte do autoerotismo se mantém ligado ao corpo. Pelo exposto acima, não existe autoerotismo sem corpo, assim como não existe pulsão sem corpo. A pulsão começa com o autoerotismo, que é resultado da junção de dois objetos: um no plano da fantasia e outro no plano do corpo. Essa junção é não apenas necessária, mas também definitiva, no meu entendimento. Esse me parece um passo que, às vezes, Laplanche tem dificuldade em sustentar. O que eu digo no texto é que parte do autoerotismo pode permanecer, como tal, dentro do encravado. Isso é diferente, ou seja, quer dizer que parte do autoerotismo pode escapar ao recalçamento, mesmo porque, como pulsão de morte, ele não pode ser completamente eliminado, já que algo sempre vai resistir ao processo de ligamento. Creio que o funcionamento autoerótico que sucumbe ao recalçamento é aquele que é mais intolerável do ponto de vista do adulto e que vai ser interditado por ele. Mas são várias as formas de autoerotismo que se formam e que permanecem pela vida toda. Outra coisa é a ligação da pulsão ao corpo, mesmo depois do recalçamento do autoerotismo. No meu entendimento, o segundo tempo do recalçamento originário, que cria a divisão tópica e fixa o objeto-fonte no inconsciente recalçado, não destrói a relação do objeto-fonte com o corpo.

A maneira como penso a divisão tópica talvez seja um pouco diferente.

Acredito que ela se dê sobre o Eu-corpo, que se encontra colonizado pelo adulto e que começa aos poucos a ganhar diferenciações, as quais vão se refletir na tópica psíquica. Assim, a parte que recebeu os investimentos narcísicos e que começa a se organizar em torno de um núcleo mais ligado vai servir de base para o narcisismo e para o Eu-instância. Como dizia Silvia Bleichmar, a identificação narcísica não pode cair no vazio. Existe um entramado de base sobre o qual ela se desenvolve. O que acrescento a essa ideia é que esse entramado se forma no Eu-corpo, logo, são representações ancoradas no corpo. O mesmo vale para o restante da tópica. Assim, a experiência do autoerotismo, formado de representações e de sensações corporais, na medida em que é interdita e que precisa ser isolada no inconsciente recalcado, carrega consigo parte desse Eu-corpo. Por sua vez, tudo aquilo que ainda permanece em estado de espera ou de estagnação, como diz Laplanche, incluindo parte do autoerotismo que não foi recalcado, as mensagens implantadas e/ou intrometidas e as mensagens superegóicas, vai constituir o inconsciente encravado, tendo como base outra parte do Eu-corpo. Desse modo, nessas três instâncias, permanece uma base corporal, que vem desse Eu-corpo originário. Aquela que dá origem ao Eu-instância, que representa um corpo unificado em torno do narcisismo. Aquela que está ligada ao inconsciente recalcado, que carrega consigo a experiência autoerótica interdita, ligada aos objetos parciais, que agora se encontra protegida pela força do recalçamento. Por sua vez, aquela que permanece ligada ao inconsciente encravado é a parte mais desligada desse corpo, onde, além dos objetos parciais remanescentes do autoerotismo, ainda se encontram os índices de objetos, ligados às mensagens implantadas, além desse objeto paradoxal e persecutório, o Supereu.

KBB: A insuficiência de estudos psicanalíticos mais profundos sobre a relação do corpo com o psíquico nos remete às teorizações de Dejours a esse respeito, que, sem dúvida, levantam hipóteses muito ricas que respondem a esse vazio da psicanálise. Além disso, existe o fato que o pensamento desse

autor se aproxima, em muitos pontos, ao que é proposto por Jean Laplanche, o que determinou inclusive a elaboração da proposta da tópica da clivagem, que conta com a colaboração de ambos em vários de seus pontos principais. Em razão disso, e partindo do seu próprio posicionamento, presente no artigo atual, em relação à origem da pulsão – ancorada no corpo e permanecendo, em parte, ligada a ele após o recalçamento –, gostaríamos de saber em quais aspectos os desenvolvimentos teóricos propostos por Dejours contribuem para a elaboração dos questionamentos que você vem realizando?

LCT: De fato, Dejours possui uma contribuição inestimável para essa discussão sobre a relação entre o corpo e o psiquismo. Ele tem como inspiração a fenomenologia do corpo, proposta por Maine de Biran, segundo a qual o que se passa no corpo, como afeto, é indispensável para todo o processo de simbolização. Com base nessa fenomenologia, é o sentir que leva ao pensar. Daí a ideia, defendida por Dejours, de que o corpo vem primeiro. Mas ele acrescenta a hipótese da sedução, pensada em termos de subversão libidinal, transformando o corpo fisiológico, que sente, em um corpo erógeno, isto é, atravessado pelo sexual. Sendo que o sexual, além de revelar esse corpo para o psíquico pela via do afeto, também organiza e dá vida a esse corpo. Nesse sentido, Dejours coloca a sexualidade no centro desse processo e, ao mesmo tempo, estabelece uma relação íntima entre a sexualidade e o corpo. Essa relação indissolúvel é o ponto que mais me inspira em sua reflexão. Por outro lado, tenho dificuldade em aceitar a ideia de que a sexualidade estaria predominantemente do lado da ligação, como parece supor sua reflexão, assim como a hipótese de que é a ausência do sexual que torna o corpo biológico mortífero, como pressupõe sua hipótese do inconsciente amencial. Em outras palavras, não me parece plausível imaginar que é o corpo não marcado pelo sexual que se torna o grande problema ou, como diz Dejours, a verdadeira fonte da pulsão de morte. No meu entendimento, não existe outra pulsão de morte além da

pulsão sexual de morte, que é a sexualidade na sua forma mais desligada. Portanto, acredito que o que se manifesta como sintoma, principalmente nas somatizações, é o corpo marcado, primeiro, pela mensagem e, depois, pela sexualidade desligada, que é a pulsão sexual de morte.

Em síntese, tal como Laplanche, tenho dificuldade em absorver a ideia de que seria preciso tomar emprestado da fenomenologia um modelo para se pensar essa relação. Acredito que a psicanálise, a partir da teoria da sedução, possui seu próprio modelo, no qual não faz muito sentido separar corpo e mente. Se é verdade que a base da sedução é a fantasia do adulto, o corpo da criança é marcado, desde o início, pelo significante. Inclusive, é esse significante que gera efração nesse corpo e obriga a criança a se aventurar pela via da simbolização para conter essa efração. Nesse sentido, acho muito pertinente a ideia mais recente de Dejours, segundo a qual não é a mensagem em si que desencadeia o processo de tradução, mas sim o que ela provoca no corpo da criança. Como explanado acima, com a implantação/intromissão, a mensagem não é mais apenas mensagem; ela agora é “espinho na carne”, que produz efração e desequilibra o funcionamento vital. Além disso, essa mesma zona, que sofre a efração, vai servir de base para a constituição da pulsão sexual, quando surge o autoerotismo como tentativa de conter essa efração. Pois, conforme explicamos, o autoerotismo se forma através da junção dessa parte do corpo afetada com a fantasia da criança. Uma junção que marca não apenas o autoerotismo, mas a pulsão sexual como um todo e para sempre, pois a pulsão não pode existir sem essa dupla ancoragem.

KBB: Em relação à recusa como mecanismo da clivagem: como se constitui? Quem a opera? Qual sua força? Sendo o autoerotismo anterior à divisão tópica e à recusa, marcada pela negação e contando com o auxílio do mecanismo arcaico da transformação em seu contrário, poderia se cogitar a existência de algum tipo de ligação da recusa com o narcisismo?

LCT: Esse é o ponto menos explorado por Laplanche, mas também o mais importante dessa tópica da clivagem. Começo dizendo que acho mais adequado chamar de tópica da clivagem do que de terceira tópica por duas razões: primeiro, porque o que está em jogo nessa divisão tópica, concernindo ao inconsciente encravado, é a clivagem ligada à recusa, que é, portanto, diferente da clivagem do inconsciente recalcado; em segundo lugar, porque os conteúdos do inconsciente encravado podem ser entendidos como conteúdos do Isso no modelo da teoria da sedução generalizada. Embora Laplanche não tenha feito essa aproximação, ela é totalmente pertinente. Na verdade, Laplanche sempre pensou o recalcado como sendo o conteúdo do Isso. Mas a ideia de inconsciente encravado abre aí uma nova perspectiva e vem exigir a retomada dessa questão. Pois ele é o que se tem de mais arcaico, de mais desligado, de mais alteritário e de mais dependente do corpo. Nesse sentido, penso que, em vez de figurar como terceira tópica, essa tópica da clivagem deve aparecer como a tópica na qual o Laplanche poderia ter situado melhor o Isso. De qualquer forma, essa é minha proposta.

Encontra-se, na base dessa discussão, a questão de situar a recusa nesse processo de clivagem. Laplanche não conseguiu avançar muito nessa direção e este tem sido nosso esforço ultimamente. Ele se limitou a dizer que a clivagem é operada pelo recalçamento primário e que a recusa atua para o inconsciente encravado assim como o recalçamento o faz para o inconsciente recalcado. Minha contribuição tem sido no sentido de mostrar que se é verdade, como diz Laplanche, que o recalçamento originário cria, ao mesmo tempo, as duas clivagens (horizontal e vertical), também é verdade que ele não atua sobre o encravado. Esse é o lugar da recusa. E aqui é preciso levar em conta o que Laplanche nos lembra sobre a recusa, desde o *Vocabulário de Psicanálise*: o fato de que, já no próprio Freud, ela é indissociável da clivagem, uma vez que ela opera através da clivagem. Além disso, a tendência é dizer que ela não funciona como um

mero mecanismo de defesa, pois tem um estatuto estrutural, tal como o recalçamento originário. Nesse sentido, penso que ela é tão originária quanto o recalçamento originário. Acredito que ela entra, junto com o recalçamento, nesse mesmo movimento de constituição da divisão tópica, pois as interdições do autoerotismo, que impulsionam o recalçamento originário e que formam a base do Supereu, pela alteridade que representam, precisam ser tratadas como não integrantes da tópica. Laplanche teve dificuldade de alcançar essa compreensão porque não considera a questão da interdição no recalçamento originário. No meu entendimento, essa clivagem e a exclusão que ela produz estão na base da recusa e sua função é justamente cuidar para que o outro que me habita e me constitui não apareça, pelo menos para o Eu. Havia utilizado aqui originalmente o termo “negação”, que acabei substituindo pelo de “clivagem”, pois, além o termo negação (*Verneunung*) ter uma definição bem precisa em Freud, diferente do que estamos descrevendo, a clivagem define melhor o efeito da recusa, que é tratar a coisa como se não existisse.

Isso nos conduz à questão de saber quem opera a recusa. Se seu objetivo é tratar a coisa como não fazendo parte do Eu, ela já é efeito de um Eu nascente, pois, como diz Laplanche, toda tópica é do Eu. Ele é quem precisa se defender daquilo que representa uma ameaça. Na verdade, acredito firmemente que a própria criação do Eu e do narcisismo que lhe é correlato é resultado da necessidade de realizar essa exclusão não apenas das interdições, mas da alteridade de uma forma geral. Tal como Laplanche, estou convencido de que o narcisismo não representa apenas o movimento de ligação, mas também o movimento de autocentração. São dois movimentos que se misturam e se retroalimentam. Em outras palavras, sustento que esses movimentos de ligação e de autocentração do narcisismo servem de base não apenas para apoiar o contrainvestimento necessário ao recalçamento originário, mas também para sustentar a recusa da alteridade que se encontra no encravado. E ele opera essa exclusão com

a clivagem e com a ajuda do mecanismo da transformação no contrário. Assim, a atividade do Eu encobre a passividade do Eu-corpo originário, o autocentramento narcísico encobre o descentramento do encravado e a ligação promovida pela tradução encobre o desligado existente no Eu-corpo. Em síntese, o Eu narcísico nos impede de ver o outro que habita em nós, presente em sua forma mais direta e maciça no encravado. Nesse sentido, defendo que o narcisismo representa a primeira forma que assume a recusa, através da clivagem que ela produz. Uma recusa que tem como marca justamente a exclusão de tudo que representa alteridade. É por isso que esse Eu narcísico precisa se tomar, a si próprio, como se fosse o todo do indivíduo. Em outras palavras, é por isso que ele possui uma tendência totalitária, pois ela é constitutiva, está na sua base. Podemos, ainda, acrescentar: essa tendência totalitária tende a aumentar de acordo com o grau de ameaça que essa alteridade representa. Uma boa amostra disso está na chamada cultura do ódio.

KBB: A Revista Constructo agradece por suas respostas e pela riqueza de suas contribuições!

Revisão gramatical de **Bruno Konkewicz**

Revisão técnica de **Kenia Maria Ballvé Behr**

© Constructo Revista de Psicanálise